

Brasília, uma cidade em ritmo de samba

30 MAR 1991

Sambistas se espalham por toda a cidade para uma simples batucada ou um encontro de novos bambas

Quem olha Brasília do alto e vê um avião pode até achar que a arquitetura futurista e às vezes mística da cidade não combina com uma manifestação deliciosamente primitivista como o samba. Mas quem vive pelas ruas da cidade, enfrentando seus buracos e problemas, sabe que o samba está invadindo espaços e conquistando pessoas que não se incomodam de ter que procurar vida entre os prédios. Se não chega a ser um fundo de quintal a cidade não faz vergonha quando o assunto é samba, por mais que a equipe econômica maltrate os momentos de lazer da população.

E o samba acontece de todas as formas. Há o samba-pra-turista (também chamado de samba de português) que habita as casas comerciais que servem pesados almoços, como feijoada e cozido, e ainda imaginam que o freguês ainda terá ânimo para sair com os braços para o alto e cantando. São os mais comuns. O samba algo oficial "rola" e "atravessa" em diversos pontos da cidade.

Mas há também o samba no estilo pagode, descompromissado, como uma reunião de amigos unidos em torno de uma roda que, se não tem bambas, não faz vergonha a ninguém. É o que acontece, por exemplo, nos sambões de sábado do Terra Mágica, bar e restaurante da 412 Sul, onde um tira-gosto é o passaporte para a alegria de uma turma boa de sambistas que se reúne todas as semanas para fazer a festa.

Do outro lado da rua, a economia informal da cidade mostra sua força. Barraqueiros que fazem ponto da região se cotizam para formar uma roda e nem cobram **couvert** de quem chegar. E instrumentistas são sempre bem-vindos, desde que não atravessem o samba — amadorismo não tem lugar entre esses amadores do samba.

São dois estilos, o amador e o profissional. Os restaurantes contratam ritmistas e cantores para animar suas feijoadas e cozidos, algo no estilo das churrascarias, com um samba que não incomode quem é ruim da cabeça, mas que não deixe de embalar quem não é doente do pé. É um festival gastronômico com ritmo, mesmo que o esforço digestivo que os fregueses têm que fazer combine mais com um som **new-age**. Na rua o samba assume sua face mais informal e vale tudo.

Um dos melhores pontos do samba na cidade, aos finais de semana, é o Arrumadinho, um boteco que vende cerveja gelada e um ou outro tira-gosto. E só. O resto é samba, com direito a banjo, repinique, surdo, tamborim e canja de quem quiser se aproximar. É um esquema alternativo, semiprofissional, e de muito sucesso, reunindo uma pequena multidão nas tardes de sábado e domingo na 210 Norte.

Samba & comida — Mas há quem goste de encher a barriga ao som do samba, como os muitos frequentadores do Flor Amorosa, na 102 Norte, onde o samba aparece todos os domingos como mais um ingrediente do cozido de d. Zuleide, mulher de Gert, o Alemão, dono do restaurante. O cozido é reconhecidamente um dos melhores da cidade, mas o samba muitas vezes perde em animação.

O samba bem-comportado também encontra lugar na boate Flash, do Hotel Diplomat, nas noites de sexta e sábado, quando uma pequena orquestra mistura samba e lambada, mas o resultado é interessante e os frequentadores habituais são muito animados.

Bom samba, boa cerveja, mulheres bonitas podem ser encontrados nas noites de sábado no Clube Tiradentes, na 612 Sul, na entrada para a ponte velha do Lago Paranoá. Ali sim é o fundo de quintal, com uma roda animada e que não tem hora para acabar, animada por gente que é do ramo. Mas não se exige carteirinha de sambista para entrar no pagode do Clube Tiradentes, um espaço democrático.

Igualmente liberal é o Papel Machê, do



Gilberto Salomão, nas tardes de sábado, quando um samba competente embala uma feijoada idem, com todos os problemas digestivos que isso possa acarretar. A feijoada acaba no meio da tarde, mas o samba não tem hora para terminar, mesmo porque aos domingos o pessoal do Papel Machê volta à ação com um cozido bastante elogiado.

Também aos sábados e domingos, o samba tem lugar nos fundos do Hospital das Forças Armadas (HFA), no Fundo do Mar, com a festa começando nas noites de sábado e entran-

do pelo domingo. Mais difícil é encontrar, nestes dias chuvosos e desanimadores, as pequenas rodas de samba que apareciam em todos os pontos do Cruzeiro, num recesso até comum depois do Carnaval, mas a farra já tem data para recomeçar: 14 de abril. Neste dia a quadra da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc) reabre suas portas para abrir mais uma temporada de samba que só vai terminar no próximo Carnaval.

As escolas que não têm quadra buscam outras alternativas para não deixar os tamborins

esfriarem, como a Capela Imperial, que a cada semana faz a festa em um lugar diferente, como se fosse uma escola itinerante, o que traz pelo menos um problema para a escola: só participa quem é da turma e sabe onde o samba vai sair; quem é de fora e quer entrar não tem vez, ou então tem que se esforçar para traduzir os códigos de ação.

Ainda nas satélites, o Guará começa a ganhar tradição nas QE 26 e 32, no Guará II, onde de sexta a domingo o samba tem lugar. Há também um pagode já tradicional, em frente ao Supermercado Bem Bom, este no Guará I, nas tardes de domingo. Em Sobradinho, os integrantes da escola de samba Bola Preta se reúnem numa feijoada todo sábado.

O roteiro do samba não acaba por aqui. Em vários pontos da cidade e das satélites o samba está sendo levado agora, com maior ou menor competência, sempre acompanhado de uma cerveja gelada e com uma batida que já não conserva a tradição carioca. O samba de Brasília vem mais misturado, tem sotaque de cantador de coco, molejo de música baiana e uma levada diferente.

Quem gosta de samba não tem o que reclamar. O táfalo do samba não é aqui e, apesar das dificuldades das escolas da cidade, há sempre quem lute para manter o samba vivo. Banido das emissoras de rádio e de televisão, o samba agora usa tática de guerrilha para sobreviver e ganha as esquinas e os becos de Brasília.

■ Carlos Alberto Silva

Aqui, gato vira churrasco

O samba é um marginal do comércio de Brasília. Para se conseguir os instrumentos de percussão, o aspirante a sambista tem que encomendar de fora, já que nem mesmo a Casa Maestro, a maior loja de instrumentos musicais da cidade, tem. É um problema a mais para as escolas de samba do Distrito Federal, que já enfrentam toda a sorte de percalços, como a supercampeã Aruc, que compra todos os instrumentos em São Paulo, na Gope, ficando para o comércio da cidade as miudezas, como pandeiros e apitos.

Veterano batalhador pelo samba da cidade, o atual vice-presidente da Aruc, Hélio dos Santos, sabe que hoje o samba acompanha a tecnologia. "Já se foi o tempo da improvisação e do folclore", explica ele. "Nem mesmo no Rio o pessoal das escolas corre atrás de gatos para fazer o couro dos instrumentos. O quente agora é nylon, que dá um som melhor. O couro de boi já está defasado, imagine o de gato", diz.

Mas se gato não vira mais tamborim, há uma outra tradição que acompanha qualquer roda de samba e que ainda deixa os bichanos ariscos, segundo Hélio dos Santos confirma: "O pessoal do samba continua pegando os gatos e colocando na brasa, que a gente come por aí, no Plano ou nas satélites, como churrasquinho". Longe de ser um táfalo do samba, Brasília já vive tradições semelhantes às cariocas, de onde vieram muitos dos incentivadores do samba na cidade, mas que aqui se juntam a outros brasileiros para fazer uma batida diferente.

O ROTEIRO DOS BAMBAS

■ Plano Piloto

- Terra Mágica e adjacências.....(412 Sul)
- Flor Amorosa.....(102 Norte)
- Flash.....(Setor Hoteleiro Norte)
- Clube Tiradentes.....(Avenida das Nações)
- Papel Marchê.....(Gilberto Salomão, Lago Sul)
- Pagode do Zezinho.....(atrás do HFA, Setor Militar Urbano)

■ Satélites

- Aruc.....(Cruzeiro, com o grupo Coisa Nossa aos domingos, à tarde, a partir do dia 14 de abril)
- Capela Imperial.....(Taguatinga)
- Bola Preta.....(Sobradinho)
- Bar do Afonso.....(Sobradinho)
- Panela de Barro.....(Sobradinho)